



Educação e a construção do profissional: buscando uma atuação sistêmica através da comunicação¹

Cristiane Hengler Corrêa Bernardo²

Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Resumo

A construção, através do ensino superior, de um indivíduo profissional único para o mundo pensado como um sistema que interage e transforma-se conforme a sua atuação, utilizando instrumentos individualizados do educador e do educando e criando assim o diálogo construtivo para o processo de ensino aprendizagem. A comunicação será trabalhada como um dos principais instrumentos para estabelecer o diálogo.

Palavras-chave

Ensino superior; diálogo; papel do educador; instrumentos de comunicação

Corpo do trabalho

A concepção de mundo sofre transformações constantes, hoje acelerada por fenômenos da mundialização, tecnologia, interatividade comunicacional e da própria exigência do mercado profissional, que se amplia na mesma velocidade, exigindo a um profissional capacitado a uma constante reinvenção das suas habilidades laborais e emocionais, assim como habilidades que incluem todas a sua formação como indivíduo ocupando o seu espaço no sistema onde atua e modifica.

Ao professor do ensino superior é fundamental a concepção de que, conforme Maurice Debesse, “A verdadeira educação é aquela em que o educador ajuda o educando a criar-se“. E para que o educador tenha essa concepção é necessária uma percepção do educando como um indivíduo único e com expectativas e habilidades próprias, muito distintas das generalizações simplificadoras restritas aos planos de ensino e métodos de avaliação.

As formalidades que há tempos norteiam os processos educacionais não podem mais ficar restritas simplesmente aos planos de ensino que hoje são tomados

¹ Trabalho apresentado ao NP 11 – Comunicação educativa, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS. Mestre em Comunicação Midiática pela UNESP de Bauri e graduada em Jornalismo pela PUCCAMP. Hoje é pró-reitora acadêmica da Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande-MS



como principais norteadores da ação educativa, mas que na maioria dos modelos vigentes não contempla elementos oriundos da experiência individual, social ou cultural de cada educando, assim como suas percepções de mundo tal qual o vivenciam.

Os processos que alimentam uma nova educação superior devem ser dinâmicos, as experiências oriundas dos educadores e educandos devem ser canalizadas e potencializadas de tal forma que, quando surge a necessidade de resgatá-las e trazê-las para a sala de aula, obtêm-se alternativas consistentes, mesmo em situações adversas e tendo que se adaptar às novas contingências.

O mercado profissional que tem como principal visão um sistema não apenas de produção em série, mas principalmente de interação e renovação constante, objetivando acompanhar as novas tendências surgidas a cada nova demanda social, aspira por este indivíduo profissional que apresenta soluções, alternativas e principalmente oferece à empresa a oportunidade de estar em constante processo transformacional exigido pela mundialização.

O papel de novo educador proposto aqui não é mais a de fornecedor de respostas instituídas enxergando o educando como mero aprendiz, mas sim provocar neste a iniciativa de renovação, através das ferramentas que despertarão as habilidades e/ou competências profissionais de acordo com a sua própria percepção de mundo. E esse papel poderá ter um aporte nas idéias de Machado (2000):

A idéia de conhecer é cada vez mais conhecer o significado, de que o significado de A constrói-se por meio das múltiplas relações que podem ser estabelecidas entre A e B,C,D,E, etc, estejam ou não as fontes de relações no âmbito da disciplina que se estuda. Insistimos: não se pode pretender conhecer A para, então, poder-se conhecer B ou C, mas o conhecimento de A, a construção do significado de A faz-se a partir das relações que podem ser estabelecidas entre A e B,C, e o resto do mundo.

É imperativo que o novo educador do ensino superior detenha não apenas a formação teórica que o capacite para ministrar aulas, mas principalmente a experiência prática e contínua necessária aos compartilhamentos da vivência de mercado. Sem esse contato direto e permanente com as atualizações do *modus operandi* problematiza-se a formação potencial contribuidora ao desenvolvimento do saber profissional na área em que opere.

O conceito de interatividade encontra nesta justificativa um aporte de intensa dimensão uma vez que é através de uma relação de mão dupla entre educador e



educando que irá ocorrer o fenômeno de trocas de impressões e experiências da práxis profissional, favorecendo então a formação de uma linguagem que envolve mais que o simples código lingüístico e entra no campo da interação perceptiva e do conhecimento/aprendizagem compartilhados. Ganham educador e educando e ganha ainda mais o mercado profissional, que irá receber um profissional qualificado em conceitos, habilidades e competências desenvolvidas e trabalhadas e principalmente capaz de provocar novas propostas e soluções.

Mas é no conceito de interdependência, concebido por BERLO que o processo de formação e escolha de instrumentos para a construção do indivíduo profissional único encontra o canal emissor e receptor que irá conduzir todo o processo comunicacional imprescindível para o aprendizado e conseqüentemente para o objetivo pretendido aqui.

Em qualquer situação de comunicação, fonte e receptor são interdependentes. O conceito de interdependência é em si complexo e pode ser ilustrado definindo-se as possíveis relações entre quaisquer dos conceitos, tais como A e B. A e B são independentes se, e somente se, nenhum influenciar o outro.

Berlo afirma que a interdependência pode ser definida como a dependência recíproca ou mútua: "Se A influencia B e B influencia A, então A e B são interdependentes". Visto o processo de interdependência analisado sob o prisma da comunicação percebe-se com clareza evidente a necessidade de interdependência que deve ser estabelecida entre educador e educando para que seja construído o profissional pretendido.

O modelo de processo comunicacional construído pelo engenheiro Weaver e pelo matemático Shannon, conhecido como modelo Shannon-Weaver e, descrito por BERLO estabelece os ingredientes da comunicação e, portanto, utilizados pela educação que faz uso da comunicação para a transmissão do conhecimento: Fonte, Transmissor, Sinal, Receptor e Destinatário, não deixaram e acredita-se, não deixarão de formar os principais componentes do sistema comunicacional utilizado em vários outros processos e, aqui especificamente, no processo ensino/aprendizado.

Mas o que há de errado com este modelo para a educação aqui proposta? Qual é a inovação, se o modelo existe desde 1947 e ainda é similar ao anteriormente proposto por Aristóteles? O problema não se encontra nos ingredientes, mas sim na ordem pré-estabelecida de fonte/educador e destinatário e/ou receptor/educando, e é



exatamente isso que o projeto pretende aferir e propor, uma quebra de funções pré-determinadas que possam comprometer a relação de interdependência necessária à troca de experiências, conhecimentos, vivência e percepção que aliadas irão corroborar para a construção deste indivíduo profissional único.

Os teóricos da aprendizagem divergem em muitos aspectos e chegam a alguns acordos, todavia, este projeto irá refletir a posição de Hull, Tolman e Osgood. Neste sentido é necessária a conceituação dos termos “estímulo” e “resposta”, comumente utilizados por eles: “Estímulo é qualquer coisa que uma pessoa pode receber através de um dos sentidos e, resposta é qualquer coisa que o indivíduo faça como resultado da percepção do estímulo”.

Partindo destas conceituações e da quebra dos modelos pré-estabelecidos, a oferta dos estímulos e das respostas também não obedece ordens. Não é apenas o educador que estimula e o educando que responde, através da proposta pretendida, ambos interagem e criam a interdependência construindo um diálogo onde não existe fonte e nem receptores pré-definidos. O que existe de fixo é a mensagem, todos os outros ingredientes variam de acordo com habilidades e competências da agora fonte/receptor e/ou destinatário, assim como irão variar o transmissor e o sinal por onde a mensagem será transmitida.

Pode-se adiantar uma possível aferição de que o plano de ensino, visto como único instrumento norteador para o processo ensino/aprendizagem, está fadado ao insucesso, mas poderá contar com aliados poderosos se educador e educando estabelecerem a simbiose educacional tão desejada, e então a mensagem será única, apreendida e ensinada de formas variadas, mas assimilada e posta em prática de forma a atender às necessidades de todos os envolvidos no processo.

A aprendizagem não é um processo único para todos, é variável e composta por muitos elementos que irão variar entre todos os instrumentos utilizados para a efetivação da mesma. Quem aprende o quê com quem? Por exemplo: Eu ensinei um conceito a uma classe, que não posso dizer heterogênea, porque a meu ver e partindo de todas as conceituações apresentadas neste projeto classe heterogênea passaria a ser pleonasma, e cada um dos acadêmicos teve uma apreensão. 1ª questão, a mensagem era diferente? 2ª a fonte era diferente? 3ª os transmissores e sinais eram diferentes? As negativas só reforçam a tese de que cada indivíduo é único, assim como o é o seu aprendizado.



Uma máxima nos remete aquele exemplo da mãe que teve vários filhos e os criou todos iguais, um era o oposto do outro e ela lamentava: eu tenho cinco filhos, criei todos iguais (ou seja a mensagem era a mesma e a mesma fonte) entretanto, o João é bom, a Maria é brava, a Silvia calma, o José severo e o Joaquim impaciente. E a resposta ao estímulo aplicado vem: você tem cinco filhos, assim como os dedos da mão são diferentes, e os criou todos iguais, eis o seu grande equívoco e assim também se enganam os educadores que “criam todos os seus filhos” de forma igual e aí as respostas são as mais diversas possíveis.

Cada indivíduo deverá ser respeitado em suas potencialidades, individualidades e anseios, este deverá ser um dos princípios básicos do processo ensino/aprendizagem, pois só assim a mensagem objetivada conseguirá ser passada.

O que o educador pretende ao elaborar o seu plano de ensino? Se é o norte, resta uma pergunta: o norte é para ele ou para o educando? Esta talvez seja uma das grandes problemáticas que envolvem os fracassos dos planos de ensino, se analisados como um todo. A grande maioria dos educadores vê no plano de ensino o seu próprio norte e não o do educando. Porque ele faz isso? Simplesmente porque ele se auto-intitula como única fonte e o educando como destinatário, o que não significa que seja efetivamente o receptor. Este talvez seja o grande X da questão: o plano de ensino visto única e exclusivamente como indicador do conteúdo programático a ser seguido, ignorando os objetivos gerais e específicos, a metodologia a ser aplicada e as formas de avaliação. É relegar a condição do plano de ensino a um mero diário de registro de conteúdo. O mesmo se diz em relação à resposta, esta não pode ser considerada como confirmação da aprendizagem, uma vez que esta resposta pode ser resultado único de um reflexo condicionado, e não necessariamente a confirmação da apreensão. BERLO, nos diz que os comportamentos reflexivos não são aprendidos, mas, ainda assim, são importantes para a aprendizagem.

A aprendizagem não é, em geral, processo de um só turno. Cada um de nós recebe estímulos continuamente, interpreta-os, a eles responde, observa as conseqüências da resposta, reinterpreta, formula novas respostas, reinterpreta, e assim por diante. Gradualmente, à medida que damos a mesma resposta ao estímulo e observamos as mesmas conseqüências compensadoras, desenvolve-se uma relação E-R. Adquirimos o hábito de responder de certa maneira a determinado estímulo.



Só se consegue distinguir o aprendizado real da simples resposta condicionada ao estímulo estabelecendo a continuidade do diálogo e para isso a utilização da ação comunicativa proposta por Habermas embasa a relação educador e educando, assim como desenvolve a intuição de que a linguagem é imanente ao entendimento. Segundo Machado (2003), o entendimento é um conceito de conteúdo normativo e que vai mais além da compreensão de uma expressão gramatical.

Para Habermas, a linguagem não é um obstáculo para o entendimento, mas sim a via que nos conduz a este. O acordo é possível e é intersubjetivamente válido, ou seja, não é imposto por nenhuma das partes. Precisamente por isso ele é radical, no sentido de racionalidade intersubjetiva, isto é comunicativa.

Neste sentido é preciso ter claro que o importante não é o conteúdo do consenso, mas sim a forma como ele se produziu, diz Machado que completa com a concepção de *logos*, que é ao mesmo tempo razão e palavra.

Ainda com base na Teoria da Ação Comunicativa, a chamada situação ideal de fala (SIF) terá um papel fundamental para a compreensão do processo ensino/aprendizagem, levando-se em conta os fatores elencados por MACHADO:

1. a compreensibilidade do pronunciamento;
2. a verdade de sua proposição;
3. a correção e adequação dos desempenhos;
4. a autenticidade dos interlocutores

Um dos principais pontos a ser explorado pela investigação neste projeto será o de sistema e mundo-da-vida. Na ação comunicativa há um entendimento entre os interlocutores no campo de suas experiências de vida que é onde o raciocínio busca os parâmetros para as analogias necessárias ao processo de compreensão.

Para Machado (2003),

Mundo é a totalidade de entidades sobre as quais afirmações verdadeiras são possíveis. Mundo-da-vida é o horizonte sobre o qual se edificam as relações e interações intersubjetivas da cotidianidade. É relacionado aos três mundos sobre os quais os sujeitos, ao atingirem com o propósito de entendimento mútuo, baseiam suas definições comuns das situações: objetivo, social e subjetivo.

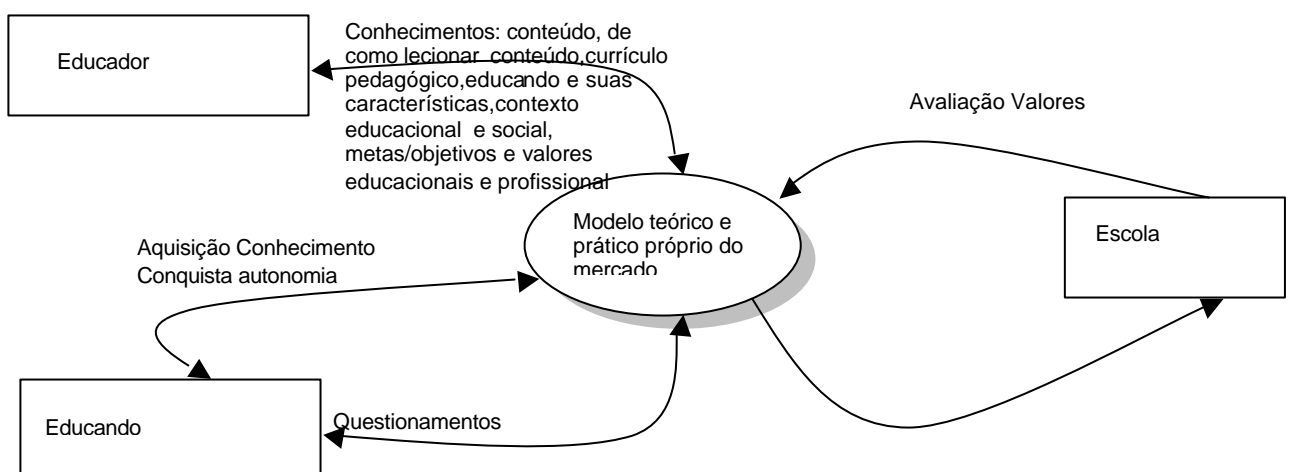
As experiências de vida que são apresentadas no mundo-da-vida e constituem um Sistema que é imprescindível para as relações entre o teórico e a práxis deverá ser explorada ao máximo facilitando assim a relação entre educador e educando. Essa aproximação será ponto de destaque neste estudo.

Metodologia do trabalho

O primeiro passo consta de revisão bibliográfica fomentada por autores que versem sobre o caos, a mundialização, a evolução criativa e as alternativas para a educação profissionalizante, assim como métodos de avaliação, concepções de projetos pedagógicos e planos de ensino.

A seguir propõe-se construir um modelo do ambiente do sistema educacional, composto pelo diagrama de contexto da dicotomia educador/educando e pela lista de eventos externos próprios dos fenômenos reflexivos ao mercado profissionalizante global. O que se objetiva a partir desse modelo é determinar a abrangência do sistema pela especificação dos indivíduos que o compõem.

No papel do “educador” acredita-se que a completude abrangente às sete categorias propostas por Shulman (1987) para o conhecimento do professor e adaptada aos objetivos deste projeto, seja:



Numa terceira etapa propõe-se uma pesquisa Documentação Direta → Pesquisa – Ação, junto ao planejamento das aulas para o ensino profissionalizante.



Aferição posterior do desenvolvimento do processo opinativo do educando será realizada a partir da metodologia que utiliza como instrumento de apoio à experiência profissional do educador e a vivência do educando. Aqui se encontra base no modelo da Teoria da Ação Comunicativa (TAC) de Habermas.

Finalmente objetiva-se proceder com a integração dos dados levantados, no sentido de propor a instrumentalização metodológica necessária não apenas para propor o perfil do novo educador para o ensino profissionalizante, respeitando, todavia, as potencialidades individuais que irão indicar os instrumentos a serem utilizados pelo educador para cada educando, partindo-se do particular para o geral, ao contrário do que é comumente realizado no cenário do ensino profissionalizante no Brasil, como também para criar rotinas que estabeleçam o estreitamento do diálogo e da interdependência entre educador e educando. Isto pode já podia ser conferido em DECARTES

Conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como degraus, até o conhecimento dos mais compostos; e supondo certa ordem mesmo entre aqueles que não se precedem naturalmente uns aos outros.

A metodologia objetivará atingir instrumentos necessários para que possa se chegar a uma rotina que oportune às relações entre teoria e práxis com base no Mundo-da-vida e para isso será necessário um mapeamento para que se possa acabar com os estigmas e ter um novo olhar sobre a ação educacional e o sistema vigente para que se possa apresentar uma proposta não viciada em pré-conceitos desenvolvidos ao longo de toda a história educacional brasileira. BIEMBENGUT *in* MACHADO nos apresenta muito claramente esse conceito:

Deslindar o conhecimento seja de nossos antepassados, seja de nossos contemporâneos requer estabelecer princípios metodológicos que permitam considerar os entes (pessoas, coisas, objetos) em relação ao meio em que foram gerados e/ou respectivos fenômenos. Isto é, localizar e delinear a extensão em que esse conhecimento e, respectivos, entes estão inseridos para, em seguida, estudar os traços intrínsecos, vinculados com possíveis fenômenos ou influências, como: tempo, espaços geográficos, relações históricas e questões culturais.

Neste projeto o mapeamento poderá dar uma visão de como estará situada a pesquisa no cenário educacional brasileiro, assim que dará ao pesquisador a



visão sistêmica para uma melhor análise na captação dos instrumentos a serem utilizados para a criação de uma metodologia que possa aproveitar as habilidades e competências individuais de educador e educando de forma a proporcionar um melhor nível de abstração.

Serão utilizadas técnicas documentais de pesquisa direta e indireta e a pesquisa ação como fundamental instrumento de pesquisa, pois com base em ARENDT (2001) “a ação não pode ocorrer sem o discurso, pois é desse modo que cada ser humano mostra quem é e comunica sua identidade única e singular”.

Também será utilizado o mapeamento, que, embora pareça apenas uma delimitação de espaço geográfico, nesta pesquisa objetivará muito mais que esta classificação. Segundo DODGE e KITCHIN (2001) mapeamento permite “explorar a habilidade da mente em relacionar complexas imagens e, ao mesmo tempo, fornecer compreensão clara de um fenômeno ou ente em tempo curto de busca”.

Referências bibliográficas

BANDLER, R.; GRINDER, J. **A estrutura da magia**: um livro sobre linguagem e terapia. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BERLO, David K. **O processo da comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **A formação do professor e a prática de ensino**. São Paulo: Pioneira, 1988.

COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. 5. ed. São Paulo: Queroz, 1987.

DEMO, P. **Mitologias da avaliação**: de como ignorar em vez de enfrentar problemas. Campinas: Autores Associados, s/d.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



ECO, U. **A estética da formatividade e o conceito de interpretação**: a definição da arte. Lisboa: Ed.70, s/d.

FEARING, F. A Comunicação Humana. In: COHN, G (org.). **Comunicação e indústria cultural**. 5.ed. São Paulo: Queroz, 1987.

GUIMARÃES, G. **TV e escola discursos em confronto**. São Paulo: Cortez, 2000.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action**. Boston: Beaco Press, 1989.

HANNOUN, H. **Educação: certezas e apostas**. São Paulo: Unesp. 1998.

LEÃO, E. C. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis: Vozes, 1977.

LIMA, L. C. Comunicação e cultura de massa. In ADORNO, T. W. (et al) **Teoria da cultura de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MACHADO, N, J. **Educação projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 2000.

_____. MACHADO, N,J. **Linguagem, Conhecimento, Ação**. São Paulo: Escrituras, 2003.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/Unicamp, 1989.

OLIVEIRA, B. **O trabalho educativo**. Campinas: Autores Associados, 1996.

PESSIS-PASTERNAK, G. **Do caos a inteligência artificial**. São Paulo: Unesp, 1993.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

TENÓRIO, R.M. **Cérebros e computadores: a complementaridade analógico-digital na informática e na educação**. São Paulo: Escrituras, 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

TORRES, Rosa Maria. **Educação e imprensa**. São Paulo: Cortez, 1996.

YOURDON, E. **Análise estruturada moderna**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.